

Dário será reeleito em primeiro turno, diz Walton Pousa, do Olhar Público Pesquisas



O cientista político Walton Pousa recebeu o prêmio Marketing de Sucesso oferecido pelo jornal Gazeta de Piracicaba; na foto à direita, Pousa participa do Congresso Mundial de Comunicação Política de Medellín



Foto: Arqunio Pousa

Manuel Alves Filho
Luiz Felipe Leite

ENTREVISTA

Pousa antecipa vitória de Dário no primeiro turno, baseado em pesquisa

Assessor do Instituto Olhar Público Pesquisas, o cientista político diz que reeleição do atual prefeito deve ser confirmada hoje nas urnas

O prefeito Dário Saadi (Republicanos) deverá ser reeleito em primeiro turno, projeta o cientista político Walton Pousa Neto, assessor do Instituto Olhar Público Pesquisas, responsável pela sondagem de intenção de votos para prefeito de Campinas encomendada e publicada pelo Correio Popular na última sexta-feira. Na avaliação do especialista, a cassação da chapa de Dário, determinada pela Justiça Eleitoral, não alterou o cenário captado pelo levantamento anterior, que já apontava uma vantagem significativa do atual chefe do Executivo. "Como a medida não teve qualquer efeito imediato, os eleitores não deram maior importância à cassação", afirma.

Na última semana, Pousa Neto visitou o Correio, onde foi recebido pelo presidente-executivo do jornal, Italo Hamilton Barioni. Na oportunidade, ele considerou que a evolução tecnológica, as mudanças nos comportamentos sociais e outros fatores justificam uma revisão na metodologia das pesquisas eleitorais e nas estratégias das campanhas para cargos eletivos.

Pousa, que tem 44 anos, é formado em Administração de Empresas pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) e em Ciência Política pela Uninter, com pós-graduação em Pesquisas de Mercado, Opinião e Mídia pela Fundação Escola de Sociologia e Política (FESP). Natural de Piracicaba, ele aprecia a leitura de diversos gêneros literários e assiste a partidas de futebol para se distrair da rotina intensa das pesquisas eleitorais.

Agradecemos por estar conosco e participar da entrevista. Poderia começar nos contando um pouco sobre o senhor e sua trajetória profissional?

Sou de Piracicaba e minha família tem raízes profundas na cidade. Meu bisavô, Francisco Pousa, foi um dos fundadores do XV de Piracicaba. Também tivemos uma loja de discos e CDs que funcionou até os anos 2000, mas acabou fechando devido às mudanças tecnológicas. Minha mãe é professora de ensino fundamental em uma escola particular local, e meu pai, além de ter gerido a loja de discos da família, foi piloto profissional de automobilismo. Eu também experimentei a corrida de kart, mas cheguei um ponto em que precisei decidir qual seria meu caminho profissional.

O fechamento da loja influenciou suas decisões sobre os próximos passos a tomar?

Na verdade isso aconteceu depois de eu começar a fazer faculdade. Quando eu era mais novo, surgiu a famosa dúvida do que eu faria na faculdade. Pensei muito e decidi fazer Administração, que é um curso mais genérico, mas que me daria várias possibilidades profissionais mais adiante. Na sequência, eu entrei no movimento estudantil, virei presidente de centro acadêmico no primeiro semestre. E aí sim a loja do meu pai quebrou. A partir daí veio uma crise interna na família. Ao mesmo tempo me filiei a um partido político, mas comecei a ver o que eles faziam para ganhar uma cédula dentro das universidades. Perdi a minha ideologia partidária nesse instante. Com o meu pai quebrado, passei a trabalhar em paralelo com o curso, primeiro como vendedor, com um tio meu. Minha namorada na época, que depois se tornou minha esposa e sócia (atualmente ex-esposa), fazia pesquisas de mercado para uma empresa de Piracicaba, para ter o dinheiro próprio dela. Eles precisavam de um supervisor, então me candidatei e ganhei a vaga. Comecei a gostar desse negócio e comecei a querer entender mais sobre esse mundo.

Em que ano isso ocorreu?
Foi em 2006, com a CW7 Pesquisas. Ela ainda existe, apesar de eu estar hoje na assessoria da Olhar Público. Em paralelo com o negócio próprio, resolvi seguir estudando, me formando em Ciência Política e fazendo

Foi dessa maneira que as pesquisas eleitorais passaram a fazer parte da sua vida?

Sim, foi meu primeiro contato com as pesquisas de mercado, mas só tive proximidade com as pesquisas eleitorais mais adiante. Eu percebi que nessa empresa, onde eu era supervisor, aconteciam algumas coisas com as quais eu não concordava. Minha família tem nome em Piracicaba, logo não poderia arriscar machucá-lo se algo saísse errado e tentassem me envolver. Daí cheguei para minha namorada e sugeri abrimos juntos uma empresa de pesquisas de mercado. Perguntei o que a gente precisaria para ter a nossa empresa. Um carro, nós tínhamos, um computador, idem. Eu tinha o sobrenome do meu pai para dar credibilidade ao negócio, então resolvemos abrir a empresa.

Em que ano isso ocorreu?
Foi em 2006, com a CW7 Pesquisas. Ela ainda existe, apesar de eu estar hoje na assessoria da Olhar Público. Em paralelo com o negócio próprio, resolvi seguir estudando, me formando em Ciência Política e fazendo

pós em opinião de mercado. Me preparei para acompanhar as mudanças cada vez mais constantes nesse mercado de pesquisas de opinião. Começamos e nos tornamos conhecidos em pesquisas de mercado, principalmente no segmento imobiliário. Mas sempre gostei de política, apesar de ter me desencantado com os partidos políticos na época da graduação em Administração. Começamos a fazer pesquisas eleitorais e entendi na época que uma empresa de pesquisa ajuda a fazer a ligação entre a população e os políticos, por exemplo. Para que exista o entendimento do que está acontecendo atualmente e como o povo está recebendo as ações tomadas no âmbito do poder público.

De maneira geral, como podemos avaliar os "retros de momento" fornecidos pelas diversas pesquisas de intenção de voto?

Estamos em uma época de muitas transformações constantes. Hoje tudo é muito rápido. Um recurso tecnológico como um celular, por exemplo, se torna obsoleto em uma velocidade que até assusta. E as informações estão circulando muito rapidamente tam-

bém, com um acesso mais amplo das pessoas à internet. E que ao mesmo tempo são capazes de produzir informações. Apesar disso, noto que existe um desinteresse em relação aos processos eleitorais.

Sério? De que maneira isso ocorre?

Conheço casos de pessoas que definiram seus votos em eleições literalmente dentro dos colégios eleitorais, nas filas para as urnas. Uma porcentagem muito grande das pessoas começa a pesquisar em quem votar nos últimos dias antes do pleito. Minha leitura pessoal é que elas estão desinteressadas da política. Foram muitos escândalos de corrupção ao longo das décadas, muitos insucessos do poder público, muito desrespeito com o dinheiro público que, em primeira instância, deveria ser usado em prol da sociedade. Em parte, isso explica o que acontece. E isso também ajuda a entender o motivo de tantos índices elevados de indecisos nas pesquisas de intenção de votos que fizemos neste ano. Eles chegaram a superar os 30% em algumas cidades, e isso na semana que antecedeu o primeiro turno da eleição. Em alguns casos, é um montante relevante o suficiente para definir um resultado em prol de um candidato específico, por exemplo.

Em razão disso, as metodologias das pesquisas precisam ser ajustadas?

Precisamos mudar a forma de avaliar, sim. Isso eu falo de uma forma geral, não só falando como profissional que trabalha no segmento. Eu sou muito favorável à pesquisa espontânea, por exemplo. Nela não mostramos de forma prévia quem é candidato. E aí temos uma leitura mais genuína do conhecimento da população sobre o momento da eleição. Se o povo está mesmo interessado. Trata-se de uma leitura interessante. Mas ainda não sei qual o caminho que o mercado pode tomar para captar as intenções de voto de uma forma mais precisa. Mas que mudanças são necessárias, elas são.



Walton Pousa, cientista político do Instituto Olhar Público, que conduz diversas pesquisas de intenção de voto para a eleição de prefeitos em várias cidades

Inteligência artificial ajuda a gerar demandas mais precisas, diz Pousa



Inteligência artificial ajuda a gerar demandas mais precisas, diz Pousa. O cientista político Walton Pousa Neto, assessor do Instituto Olhar Público Pesquisas, afirma que a inteligência artificial está revolucionando a forma como as pesquisas de mercado são conduzidas. Ele destaca que a tecnologia permite a coleta e análise de dados em tempo real, possibilitando uma compreensão mais profunda das necessidades e comportamentos dos eleitores. Pousa ressalta que, apesar dos avanços, é fundamental manter a ética e a transparência no uso dessas ferramentas, garantindo a privacidade dos dados e a imparcialidade dos resultados. Ele prevê que a integração da inteligência artificial nas pesquisas eleitorais continuará a crescer, tornando os processos mais eficientes e precisos.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

Seção: Cidades **Caderno:** A **Página:** 4-5